



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO**

FELIPE MATEUS FELIX DE OLIVEIRA

**DIÁLOGO ENTRE SÍMBOLOS E MITOS DE
TEMÁTICA AMOROSA NOS POEMAS *LEDA* E
PRIMAVERAL DE RUBÉN DARÍO**

MONTEIRO - PB

2014

FELIPE MATEUS FELIX DE OLIVEIRA

**DIÁLOGO ENTRE SÍMBOLOS E MITOS DE TEMÁTICA
AMOROSA NOS POEMAS *LEDA* E *PRIMAVERAL* DE RUBÉN
DARÍO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras, com Habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a. Cristiane Agnes Stolet Correia

Universidade Estadual da Paraíba

MONTEIRO - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48d Oliveira, Felipe Mateus Felix de.
Diálogo entre símbolos e mitos de temática amorosa nos poemas "Leda" e "Primaveral" de Rubén Darío [manuscrito] : / Felipe Mateus Felix de Oliveira. - 2014.
43 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, Departamento de Letras".

1. Leda. 2. Primaveral. 3. Mitos. 4. Símbolos. 5. Rubén Darío. I. Título.

21. ed. CDD 861

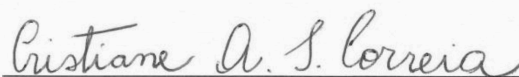
FELIPE MATEUS FELIX DE OLIVEIRA

**DIÁLOGO ENTRE SÍMBOLOS E MITOS DE TEMÁTICA AMOROSA
NOS POEMAS *LEDA* E *PRIMAVERAL* DE RUBÉN DARÍO**

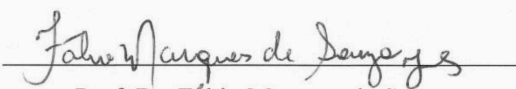
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras, com Habilitação em Língua Espanhola.

Aprovado em: 12 / 12 / 2014.

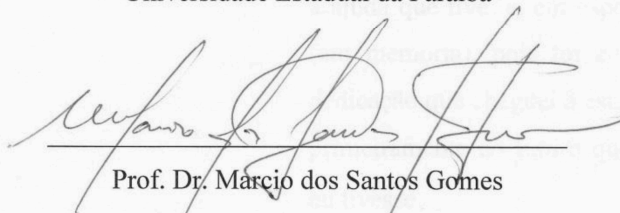
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Agnes Stolet Correia – Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Fábio Marques de Souza
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes
Universidade Estadual da Paraíba

Dedico este trabalho a minha família, por toda a ajuda que tive, e, em especial, a minha mãe (em memória), pois foi com bastante luta e dedicação que cheguei a este ponto e pensando primeiramente no futuro que ela desejava que eu tivesse.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela motivação, força e paciência que Ele me deu, pois sem isso não teria chegado aqui hoje.

A minha família, pois foi a partir dela que obtive a base indispensável para a minha vida pessoal e educacional.

A minha esposa, Mireli Oliveira, a qual foi bastante paciente e solidária neste meu processo, sempre me motivando e me dando muito apoio nesta jornada.

A todas as pessoas que sempre estavam ao meu lado na Universidade, minhas colegas de classe, pois sempre me davam o apoio necessário para as dificuldades que surgiam no decorrer do processo acadêmico.

A todos os professores com quem tive o prazer de conviver nesse percurso, em especial a minha orientadora, Cristiane Stolet, pela dedicação e atenção dispensadas.

Muito obrigado!

*La Noche pare un huevo, de donde sale el
Amor, en tanto que la Tierra y el Cielo se forman
a partir de las dos mitades de la cáscara rota.*

(CHEVALIER, 1986)

RESUMO

Neste trabalho apresentamos uma análise dos poemas *Leda* e *Primaveral*, de Rubén Darío, na qual mostraremos como os símbolos e os mitos gregos se unem para formar cada poema. No poema *Leda*, o símbolo principal de todo o texto é o cisne, representando a figura macho, solar e fecundante que Zeus utiliza para conquistar a sua amada, Leda. Porém, ao mesmo tempo ele se apresenta com uma figura delicada e suave, feito a neve. No decorrer do poema nos deparamos com outros elementos que vão desenvolvendo o poema, tais como: a presença das cores, como o amarelo, o vermelho, o azul, o branco e o verde; e também podemos observar mais dois mitos, como o próprio mito de Leda, que era casada, e o mito do deus Pã, o qual representa o “*deus do todo*”, além de outros elementos. No poema *Primaveral*, podemos visualizar dois pontos apresentados pelo autor: primeiro, o amor do poeta pelo que faz e, segundo, o amor de dois apaixonados. O tema de todo o poema é o amor, o qual toma a forma feminina, se igualando a toda a beleza da natureza. Para isso Darío se utiliza de diversos símbolos, como a rosa, pássaro, *ruiseñor*, entre outros, símbolos estes encontrados na natureza. Mas, ao mesmo tempo, Darío utiliza também alguns mitos, como as ninfas, as quais representam a força geradora das inspirações e do amor dos apaixonados; Pã, representando a possibilidade de toda a criação poética e amorosa; Afrodite – a beleza do amor – e; por fim, Adônis, o qual seria a própria primavera. Assim, faremos uma apresentação das semelhanças que os dois poemas possuem, como a utilização dos mitos e dos símbolos para a construção da temática, os elementos para a criação dos cenários, entre outros. Para tanto, utilizaremos como principais suportes teóricos o dicionário mítico-etimológico de Junito Brandão e o dicionário de símbolos de Jean Chevalier.

PALAVRAS-CHAVE: *Leda*, *Primaveral*, mitos, símbolos, Rubén Darío.

RESUMEN

En este trabajo presentamos un análisis de los poemas *Leda* y *Primaveral*, de Rubén Darío, en la cual mostraremos como los símbolos y los mitos griegos se unen para formar cada poema. En el poema *Leda*, el símbolo principal de todo el texto es el cisne, representando la figura macho, solar y fecundante que Zeus utiliza para conquistar su amada, Leda. Pero, al mismo tiempo él se presenta con una figura delicada y suave, hecho la nieve. En el recorrer del poema nos deparamos con otros elementos que van desarrollando el poema, como: la presencia de los colores, como el amarillo, el rojo, el azul, el blanco y el verde; y también podemos observar más dos mitos, como el propio mito de Leda, que era casada, y el mito de dios Pan, el cual representa el “dios del todo”, además de otros elementos. En el poema *Primaveral*, podemos visualizar dos puntos presentados por el autor: primero, el amor del poeta por lo que hace y, segundo, el amor de dos enamorados. El tema de todo el poema es el amor, el cual toma la figura femenina, se asemeja a toda la belleza de la naturaleza. Para esto Darío se utiliza de diversos símbolos, como la rosa, pájaro, ruiseñor, además de otros, símbolos estos encontrados en la naturaleza. Pero, al mismo tiempo, Darío utiliza también algunos mitos, como las ninfas, las cuales representan la fuerza generadora de las inspiraciones y del amor de los enamorados; Pan, representando la posibilidad de toda la creación poética y amorosa; Afrodita – la belleza del amor – e; por fin, Adonis, el cual iba a ser la propia primavera. Así, hemos hecho una presentación de las semejanzas que los dos poemas tienen, como la utilización de los mitos y de los símbolos para la construcción de la temática, los elementos para la creación de los escenarios, como otros. Por lo tanto, utilizaremos como principales soportes teóricos el diccionario mítico-etimológico de Junito Brandão y el diccionario de símbolos de Jean Chevalier.

PALABRAS CLAVES: *Leda*, *Primaveral*, mitos, símbolos, Rubén Darío.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO AMOROSA MEDIANTE OS SÍMBOLOS E OS MITOS GREGOS NO POEMA <i>LEDA</i>, DE RUBÉN DARÍO.	12
2.1 A utilização dos mitos para a construção do poema <i>Leda</i>	15
2.2 Os símbolos presentes no poema	18
2.3 As cores.....	21
3 A JUNÇÃO DOS SÍMBOLOS E DO MITO PARA A CONSTRUÇÃO DO POEMA <i>PRIMAVERAL</i>	25
3.1 A relação dos mitos em meio ao poema	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1 INTRODUÇÃO

Na América hispânica, o Modernismo surgiu por volta do ano de 1880. Este movimento surgiu como uma tendência intelectual, e também cultural. O Modernismo tinha como uma das características uma grande quantidade de traços estilísticos. A princípio, o único traço em comum entre todos os escritores modernos era a inspiração do Romantismo, que gerava a liberdade de inspiração nas obras. Isso porque “a realidade objetiva não existe como tal. Mundos desconhecidos e ocultos passam a povoar a visão dos escritores” (JOSEF, 2005, p. 93).

Em toda a América, cada país começou a adquirir seus próprios traços estilísticos. Rubén Darío aconselhou os escritores a procurarem sua própria expressão, pois, assim, cada um teria a oportunidade de expressar cada tema de forma particular. Rubén Darío foi o principal escritor moderno hispano-americano e nosso foco, neste trabalho, será analisar como Darío desenvolveu a construção dos poemas *Leda e Primavera*, através dos símbolos e dos mitos gregos. Contudo, inicialmente mostraremos um pouco da vida deste grande autor.

Rubén Darío foi o primeiro filho do casamento dos primos Manuel García e de Rosa Sarmiento. Depois de uma vida matrimonial conturbada, Rosa se mudou para a casa de sua tia Bernarda, levando seu filho Felix Rubén. Em seguida, ela conheceu outro homem e passou a viver na cidade de San Marcos de Colón.

Após sua família passar por complicações econômicas, Darío passou a estudar com os jesuítas, por volta dos anos de 1879 e 1880. Com isso, começou a escrever logo cedo. Há indícios de que ele escreveu seu primeiro soneto por volta dos treze anos, o qual logo depois foi publicado no jornal *El Termómetro*. Aos quatorze anos de idade, resolveu escrever seu primeiro livro, *Poesías y artículos en prosa*, mas este não foi publicado na época, sendo publicado somente no cinquentenário de sua morte. Darío é considerado uma das figuras mais importantes no processo literário hispânico. Ele é considerado como nosso primeiro escritor moderno, hispânico.

Como foi dito, o Modernismo chegou à América hispânica por volta de 1880. Era a forma literária do mundo em desenvolvimento, resposta de inquietação de uma classe que começava a ganhar lugar no século XIX e começou a decair no século XX. Uma das

principais características do Modernismo é a pluralidade de traços estilísticos. A estética moderna se inspirava na estética romântica.

Partindo para a poesia de Rubén Darío, esta teve forte influência da poesia de Paul Verlaine. Porém, os românticos e os parnasianos influenciaram também a sua poesia. Ou seja, ele “*usaba entonces la poesía con una intención expositiva de tipo instrumental, para declarar, exaltar y discurrir sobre algo, ya sea una, persona [...] una idea [...] o una historia*” (BRANDÃO, 1991, p. 286).

E um ponto que podemos caracterizar importante foi o fato de Darío ter vivido em uma época em que a ditadura figurava e, neste caso, não era possível fazer as críticas à sociedade apresentada. Por isso, em seus textos, Darío se utilizava de mitos e símbolos, para camuflar as críticas que almejava expor. Analisando alguns de seus textos podemos vislumbrar estas críticas.

Como nos diz Guarinello (2011), “*toda sociedade, em todas as épocas, tem seus mitos, suas lendas e seus heróis, que expressam a maneira como os homens se relacionam entre se e com o mundo*”. O mito não só pode ser caracterizado como uma fábula, lenda, invenção ou ficção, pois o mito é um relato de uma história verdadeira, ocorrida nos inícios dos tempos, ou seja, o mito é a narrativa de uma criação. Estes conteúdos remetem a uma tradição, porém sem especificar uma determinada idade. Eram relatos, nos quais se apresentavam diferentes personagens humanos e divinos, mas que representavam documentos que tinham como base os relatos orais destas tradições, transmitidos de geração em geração, acentuando-se mais crenças do que conhecimentos. E, ao mesmo tempo, a mitologia faz uma associação entre o mundo sagrado e o profano, evidenciando suas ligações.

Já os símbolos estão interligados ao inconsciente. Etimologicamente a palavra *símbolo* significa “lançar com”, ou seja, ligado ao reconhecimento, é como um objeto dividido em duas partes, em que cada parte se reconhece de formas distintas. Nesse caso, os símbolos vêm, em muitos casos, se apresentando como algo de dentro do texto, porém muitas vezes possuem significados distintos do que se apresenta nos textos.

Partindo dessas constatações, o presente trabalho trata-se de uma análise, feita a partir de dois poemas do poeta Rubén Darío – *Leda e Primavera* –, na qual será mostrado como os mitos gregos e os símbolos se apresentam em meio ao tema central de cada poema. Para isso, serão utilizados como base bibliográfica, dois autores Brandão (1991) e Chevalier

(1986). No entanto, serão utilizados outros materiais, os quais também servirão de suporte para esta análise.

A princípio foi analisado o poema *Leda*, no qual conta-se a história de uma jovem casada, Leda, seduzida pelo supremo deus do Olimpo, Zeus. O poema apresenta quatro estrofes, divididas da seguinte forma: da primeira até a terceira vai se criando um ambiente próprio para este encontro e também faz-se uma caracterização da forma do Zeus (metamorfoseado em um cisne branco); já na última estrofe Rubén faz uma caracterização da figura de Leda e a finalização deste enlace amoroso, aprovado pelo deus Pã.

Para a construção do poema, Darío vai utilizar três mitos gregos – Leda, Zeus e Pã –, os quais mantêm uma ligação com outros mitos. Há também o uso de diversos símbolos, que vão dando estrutura ao poema, tais como: o próprio cisne, a prata, o sol, o olho, entre outros. Porém, as cores que vão aparecendo em meio ao poema também servirão para dar maior significado ao texto, como: o amarelo, o branco, o vermelho, o azul e o verde.

Já o poema *Primaveral* é caracterizado por apresentar dois pontos diferentes, mas que se relacionam no poema: o amor do poeta pelo que faz e o amor de dois apaixonados. Mas torna-se claro que o tema central do poema é o *amor*, sentimento mais forte que muitas coisas. Desse modo, Darío se utiliza de elementos da natureza para dar uma caracterização mais forte ao poema, como árvores, rosas, pássaros, cavernas, e outros. E também faz uso dos símbolos míticos, como Pã, as ninfas, Afrodite, Apolo, entre outros.

Os dois temas são apresentados, em diversos momentos, com os mesmos elementos simbólicos, mas com significados distintos para cada um deles. E para essa análise também utilizaremos os referentes autores, já citados anteriormente, para dar suporte, juntamente a outros materiais.

Logo após analisar cada poema, faremos uma relação entre ambos, para observar suas convergências, evidenciando como os símbolos presentes em um podem ter relação com os presentes no outro. E, neste caso, levantamos algumas hipóteses, mostrando também como os mitos se apresentam para dar significado ao poema e como eles podem se relacionar. Assim, começaremos por analisar o poema *Leda*.

2 A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO AMOROSA MEDIANTE OS SÍMBOLOS E OS MITOS GREGOS NO POEMA *LEDA*, DE RUBÉN DARÍO.

O poema *Leda* relata as tentativas amorosas de Zeus para conquistar Leda, uma jovem mortal. Uma dessas tentativas, por exemplo, ocorre quando Leda se encontra à beira de um rio e o deus do Olimpo aparece em forma de um cisne branco.

Este poema faz parte de uma das obras de Rubén Darío, intitulada *Cantos de Vida y Esperanza*. O poema *Leda* é rico em detalhes e os símbolos presentes no texto se mostram totalmente ligados ao tema proposto: o amor. O símbolo central de todo o poema é o *cisne*, sob uma figura masculina, imponente, por se tratar de uma divindade (*Zeus*), mas ao mesmo tempo delicado e suave, para conquistar sua amada.

O poema é dividido em quatro estrofes, interligadas entre si através de seus relatos. As duas primeiras estrofes fazem referência ao cisne, apresentando detalhes de sua aparência, como o deus se mostra para sua amada, Leda. Já as duas últimas apresentam a tentativa de conquista feita por Zeus, em forma de cisne. No poema, mitos e símbolos são peças fundamentais para conferir-lhe significado. Vejamos o poema logo abaixo:

Leda

*El cisne en la sombra parece de nieve;
su pico es de ámbar, del alba al trasluz;
el suave crepúsculo que pasa tan breve
las candidas alas sonrosa de luz.*

*Y luego en las ondas del lago azulado,
después que la aurora perdió su arrebol,
las alas tendidas y el cuello enarcado,*

el cisne es de plata bañado de sol.

*Tal es, cuando esponja las plumas de seda,
olímpico pájaro herido de amor,
y viola en las linfas sonoras a Leda,
buscando su pico los labios en flor.*

*Suspira la bella desnuda y vencida,
y en tanto que al aire sus quejas se van,
del fondo verdoso de fronda tupida
chispean turbados los ojos de Pan.*

No início do poema Darío apresenta um símbolo muito presente em suas poesias: o cisne. Porém, em cada poema este símbolo remete a um significado específico. Neste poema, o *cisne* se refere à figura de Zeus, o deus do Olimpo.

Segundo Chevalier (1986), o cisne “*encarna por lo general la luz macho, solar y fecundante*”. Ou seja, o cisne aparece como uma figura masculina, com uma forte imponência por se tratar de uma divindade (Zeus) e mostrará toda a sua virilidade para, assim, conquistar a sua amada, Leda. Porém, mesmo o cisne mostrando a sua masculinidade e sua imponência, ele se apresenta suave, leve e delicado. Quando Darío diz *en la sombra parece de nieve* ele tenta mostrar que, mesmo Zeus sendo uma figura soberana, pelo fato de ser, “antes do mais, um deus da fertilidade” (BRANDÃO, 1991, p. 499), utiliza a suavidade como estratégia, se igualando à neve para poder conquistar Leda. Assim, neste poema, Zeus se apresenta para conquistar sua amada, deixando de lado toda a soberania e seu poder a fim de mostrar sua delicadeza e autoridade para Leda.

Mas, em determinados momentos, Darío apresenta a contraposição: Divindade *versus* apaixonado, como na terceira estrofe, em que diz *olímpico pájaro herido de amor*. Nesse sentido, apresenta Zeus como *olímpico pájaro*, símbolo de força e coragem e deus supremo do Olimpo, mas também como um grande apaixonado, um cisne *herido de amor* que consegue conquistar sua amada. Mesmo sendo uma divindade, fora laçado pelo amor, o qual se revela, no poema, uma força ainda mais forte que o próprio Zeus. Assim, apesar de ter se

apaixonado por várias mulheres, ele não desiste de também conquistar Leda e, para relatar toda esta conquista, Darío sempre apresenta a contraposição: Divindade *versus* apaixonado. Zeus *versus* cisne.

Depois de lutar contra as tentativas do *cisne*, ou seja, de Zeus, Leda se dá por vencida e se deixa levar pelos atos apaixonado do deus do Olimpo. Enfim, ao final, os dois se unem em laços amorosos, os quais são vistos e abençoados por Pã.

Um ponto observado no poema é a contraposição entre os verbos *ser* e *parecer*, que possuem significados distintos:

Parecer v 1 Ter pareçença ou assemelhar-se com alguém ou com alguma coisa. 2 Afigurar-se.

Ser v 1 Serve para afirmar no sujeito um atributo, uma qualidade que lhe é inerente e natural. 2 Usado como particípio passado de outros verbos, serve para formar a voz passiva (aquela em que sofre a ação).¹

Essa contraposição é perceptível nos dois primeiros versos de *Leda*:

*El cisne en la sombra parece de nieve
su pico es de ámbar, del alba al trasluz.*

Ao utilizar o verbo *parecer*, o autor enfatiza que Zeus se assemelha à neve. Ele pretende parecer com a neve, suave, delicada e pura, como a cor branca representa. Já ao utilizar o verbo *ser*, ele apresenta uma qualidade inerente e natural ao deus, resistente e na cor do ouro (própria de reis e deuses).

Na segunda estrofe, encontramos outra contraposição entre os verbos, no verso *el cisne es de plata bañado de sol*. Inicialmente o cisne é de prata, a qual podemos, ainda, relacionar com a cor branca. Porém, a cor prata possui um leve brilho, o que destaca sua beleza para Leda. Mas quando se diz *bañado de sol*, interpretamos que a palavra *sol* mantém uma relação com Zeus, a divindade suprema do Olimpo, posto que o sol é tido como o astro rei. Desse modo,

la plata está en relación con la luna. Pertenece al esquema o cadena simbólicos luna-agua-principio femenino. Tradicionalmente, e efecto, por oposición al oro, que es principio activo, masculino, solar, celeste, la plata es principio pasivo femenino, lunar, acuático. Su color es el blanco, mientras que el amarillo es el de oro.
(CHEVALIER, 1986, p. 842, grifo do autor)

Com isso, podemos deduzir que, ao apresentar o cisne como sendo de prata, relacionando-o com a lua, simbolicamente feminina e passiva, o eu lírico nos traz a ideia de

¹ Fonte: minidicionário Ruth Rocha, editora Scipione; São Paulo, 1996.

algo mais acessível aos olhos. No entanto, ele não perde seu princípio ativo, masculino, sua majestade, pois se deixa explícito que o mesmo é banhado pelo sol, astro rei que brilha soberano no céu.

2.1 A utilização dos mitos para a construção do poema *Leda*

Embora o título seja o nome de um dos personagens, a caracterização de Leda só vai aparecer ao final do poema. Nesse momento é apresentado o fato de que ela, já cansada das tentativas de conquista de Zeus, se entrega aos encantos do cisne:

*Suspira la bella desnuda y vencida,
Y tanto que al aire sus quejas se van,
Del fondo verdoso de fronda tupida
Chispean turbados los ojos de Pan.*

Nesse caso, podemos ver que Leda, já sem suas roupas e cansada de lutar, suas queixas se vão, em meio ao ar, e ela se deixa levar. Vemos que esta caracterização pode servir como uma estratégia do autor, pois, como Leda só aparece na terceira estrofe, as estrofes que a antecedem vão criando todo um ambiente e um clima erótico para essa relação.

Além disso, percebemos que o poema *Leda* apresenta três símbolos míticos: Zeus (Cisne), Leda e Pã. Estes serão apresentados a partir de agora.

O primeiro mito aparece logo no próprio título do poema, ou seja, trata-se de Leda. Existem algumas versões que afirmam que Leda é filha de Glauco, o filho de Sísifo e Pantidiia. Glauco havia passado pela região da Lacedemônia e teria mantido, então, um relacionamento com Pantidiia, que depois se casou com Testio (o qual ficou sendo o pai de Leda). Essa versão foi construída tendo como base o nascimento de Ulisses, considerado filho de Sísifo. Leda era casada com Tíndaro, rei de Esparta.

Segundo Genest (2000), Leda se encontrava deitada aos pés da montanha do Peloponeso, próximo a um rio cercado de loureiros-rosas. Essa cena chamou a atenção de Zeus, levando-o a buscar uma estratégia para se aproximar, sem que ela se assustasse. Então, “além dos cisnes majestosos que deslizavam na água, Leda não via uma viva alma à sua volta. Zeus então resolveu transformar-se em cisne, e pediu à deusa Afrodite que se transformasse em águia e fingisse tentar caçá-lo” (GENEST, 2000, p. 135). Com isso, o cisne assustado e trêmulo foi se refugiar no colo de Leda, a qual supunha ser um dos cisnes que estavam em sua

companhia. Segundo Darío, Zeus deixou de presente na ocasião dois ovos gigantes, dos quais nasceram Castor e Polux do primeiro, e Helena e Clitemnestra do segundo.

Esse relato está totalmente relacionado com o poema, pois revela um pouco da perseguição de Zeus a Leda, quando Leda se dá por vencida e cede às tentativas do cisne. Podemos dizer que o poema mostra uma parte desse conto, quando Zeus mostra toda a sua soberania para tentar conquistar Leda, a qual se deixa levar por essas tentativas. E essa relação é notável no poema, cujos detalhes nos levam para a criação dessa cena.

Outro mito presente no poema *Leda* é o mito de Pã, *Deus do todo*. Pã era filho de Hermes e Driope e, como diz a lenda, ao ver toda a monstruosidade de Pã, Hermes o envolveu em um couro de cabra e o levou ao Olimpo, após ser rejeitado por sua própria mãe. Ao chegar ao Olimpo ganhou toda admiração dos deuses, principalmente de Dionísio, caçula dos deuses olímpicos, e considerado o deus do vinho.

Dionísio era filho de Sêmele, uma das amantes de Zeus. Quando Hera, esposa de Zeus, descobre o relacionamento amoroso entre Zeus e Sêmele, faz com que esta peça para Zeus se mostrar em sua totalidade, ao que o deus do Olimpo não conseguiu se negar. Mas, ao mostrar todo o seu poder, o castelo e a própria Sêmele pegaram fogo. Sêmele estava grávida de Dionísio, entretanto, para que seu filho não morresse, Zeus o retirou da barriga da mãe, antes que ela morresse, e o colocou em sua coxa até seu nascimento. Ao nascer, Zeus entregou-o aos cuidados de Ino e seu esposo, mas Hera, não satisfeita, fez com que os dois enlouquecessem. Com o passar do tempo, Dionísio teve uma boa educação com Sileno e, com estes ensinamentos, descobriu o cultivo da uva e, por consequência, a extrair dela o vinho. Logo, seguiu o mundo apresentando sua descoberta, acompanhado por um cortejo de sátiros e ninfas.

Em um desses cortejos de Dionísio, Pã o acompanhou. Isso por que estes deuses mantinham uma ligação, por causa de suas características de apoiarem as ações impossíveis, ou até mesmo desejadas. Uma das características que eles possuíam em comum era o gosto pela loucura desenvolvida pelas outras pessoas, pois Dionísio, ao ser contrariado, a primeira coisa que fazia era enlouquecer as mulheres do local. E Pã, como era totalmente desprovido de beleza, perseguia as ninfas pelas florestas e também deixava as pessoas que estavam nas florestas em pânico.

Pã é caracterizado como uma divindade secundária. Como nos diz Genest (2000), ele era muito agradável, porém feio, de nariz grande, lábios grossos, orelhas grandes e pontiagudas além de dois chifres. Ele possuía também duas patas no lugar de suas pernas e um rabo de bode. Pã era muito agitado e causava sustos nas pessoas, mas se mostrava muito corajoso em suas caçadas de animais. Segundo Brandão:

Deus do todo traduz a energia genésica deste todo ou do todo da vida. Seus aparecimentos súbitos provocavam o pânico, o terror que se derrama pela natureza e impregna todos os seres ao se pressentir a presença de uma divindade que perturba o espírito e enlouquece os sentidos. Despido dessa sensualidade primária irreparável, o Deus personificará mais tarde o Grande todo, o todo de cada ser (BRANDÃO, 1991, p. 222, grifos do autor).

Nesse sentido, quando se diz *o todo de cada ser*, podemos relacionar à contraposição entre os verbos *ser* e *parecer*. Essa contraposição se refere ao que um indivíduo realmente é (em sua totalidade), então o *ser*, mostrando seus desejos, atitudes, etc. e o que aparenta ser, ou seja, não é, se relaciona com o *parecer*. Desse modo, o deus Pã está relacionado com o verbo *ser*, pois vai ser aquele que aprovará todas as ações, seja ela qual for. Assim, o *ser* de cada indivíduo pode estar ligado ao inconsciente, área da qual não se tem muito conhecimento. Já o *terror* viria da relação entre o *ser* e o *parecer*, isto é, o que verdadeiramente é com o que poderia ser, causando um forte estado de medo, pelo desconhecimento do que é real em contrapartida ao irreal. Portanto, vê-se o motivo do estado de loucura provocado pelo deus Pã.

O deus Pã é relacionado à palavra pânico, que vem de seu nome, visto que aterrorizava as florestas, assustando a todos que por elas passavam. Disso vem toda a sua monstruosidade, que levava a loucura. Também podemos ver uma relação com o deus Dionísio, pois, ao não conseguir fazer com que as regiões seguissem sua cultura, levava-as à loucura, estado em que não se consegue distinguir o real do imaginário.

Como Pã é o *Deus do todo*, tudo é possível aos seus olhos, mesmo o que é impossível. Dessa forma, Pã aparece ao final do poema para representar que, apesar da relação amorosa entre Zeus e Leda apresentar-se como impossível, uma vez que esta é uma mortal e aquele o deus supremo do Olimpo, Pã vem para transformá-la em possível.

No poema, o terceiro e último símbolo mítico é Zeus, representado por seu símbolo: o *cisne*. Zeus é a divindade suprema dos povos indo-europeus e seu nome significa *o Deus luminoso do céu*.

Crono, seu pai, ao se tornar o senhor do mundo, se tornou um grande tirano. Ao saber que seria destronado por um de seus filhos, passou a engoli-los à medida que iam nascendo. O único que se salvou foi Zeus, o caçula, pois Geia se refugiou, grávida, na ilha de Creta, onde Zeus nasceu. O deus foi escondido por sua mãe no monte Egeon e entregue aos cuidados de Curetes e das ninfas. Foi amamentado pela cabra Amalteia. Segundo Vasconcellos (1998),

mais tarde, Zeus, ao lado dos outros deuses do Olimpo guerreou contra Cronos e seus irmãos Titãs numa disputa que durou dez anos e terminou com a vitória do primeiro. A terra, furiosa por Zeus ter precipitado os Titãs nos infernos, mandou contra ele seus terríveis filhos, os Gigantes, mas a nova Guerra também terminou com sua vitória. Foi assim que Zeus supremo rei dos deuses, reinando sobre o céu luminoso. (VASCONCELLOS, 1998, p. 88)

No mito de Zeus, conta-se que ele teve várias mulheres, imortais e mortais. Uma delas foi Leda, com quem teve dois filhos, segundo alguns relatos: Helena e Pólux.

O poema nos evidencia que Zeus tomou a forma de um cisne e veio à Terra em busca de conquistar Leda. Alguns relatos contam que Leda caminhava à beira de um rio e o senhor dos deuses, ao se encontrar com a beleza de Leda, desceu a terra na forma de um grande e belo cisne branco, simulando ser perseguido por uma águia. A bela, se sentindo comovida com a perseguição, o esperou embaixo de uma árvore. A partir daí a história começa a tomar diversos significados, algumas versões dizem que Leda se entregou de boa vontade ao deus, para outros, Zeus aproveitou um descuido da amada.

Na forma como é apresentada por Darío, Leda não se entrega voluntariamente aos encantos de Zeus. Como podemos ver nos versos:

*y viola en las linfas sonoras a Leda
buscando su pico los lábios en flor*

É importante ressaltar que, ao utilizar a palavra *viola*, ele não quis dizer, apenas, que ele invadiu ilegalmente um território que não lhe pertencia ou que transgrediu alguma lei existente, pois ele era um deus e estava mantendo relações com uma humana, ainda por cima casada. Ou seja, a violação não necessariamente quer dizer um não consentimento, mas, algo que ela não imaginava, como, no caso, que se tratava de uma divindade.

2.2 Os símbolos presentes no poema

Nos seus textos, Rubén, além de utilizar alguns mitos para formar sua estrutura, também há usa os símbolos para dar maior significado ao texto. O primeiro símbolo a ser apresentado por Darío no poema *Leda* é o *cisne*, sendo a forma que Zeus escolheu para conquistar Leda.

O cisne em diversas regiões e povos é celebrado, com toda sua brancura e poder, como o símbolo da luz. Desse modo, segundo Chevalier (1986) existem dois tipos de brancura: uma macho e solar, a luz do dia, e uma lunar e feminina, a luz da noite. O cisne ao tomar um destes estados (feminino e masculino), assumirá um significado diferente. Desse modo,

El cisne es el pájaro nombrado más frecuentemente en los textos célticos. Criatura esencialmente celeste, es la forma tomada por la mayor parte de los seres del otro mundo que, por una razón o por otra, penetran en el mundo terreno. Los cisnes de la mitología céltica viajan por lo general de ados, ligados por una cadena de oro o de plata. (CHEVALIER, 1986, p. 308)

Partindo para o poema, no primeiro verso já podemos ver a presença do símbolo macho, quando se diz:

*el cisne en la sombra parece de nieve
su pico es de ámbar, del alba al trasluz*

Ou seja, o cisne, ao estar na sombra e, ao mesmo tempo, parecer feito de neve, indica que seu brilho é forte, remetendo à luz solar – a luz do dia. E quando se diz *ámbar*, ele se refera a uma divindade, pois, segundo Chevalier (1986), o âmbar se atribui às coisas celestiais, reunindo nelas a semelhança do ouro e da prata. No segundo verso a palavra *sombra*, “*por una parte, es lo que se opone a la luz y, por otra parte, la propia imagen de las cosas fugitivas, irreales y cambiantes*” (CHEVALIER, 1986, p. 955). Quer dizer, o cisne está caracterizando a figura de Zeus, fugindo da perseguição da águia – nesse caso, Afrodite em forma de águia também não é uma figura real, mas uma metamorfose.

No final da primeira estrofe, mais especificamente no verso *las candidas alas sonrosa de luz*, podemos ver que, ao mesmo tempo em que as asas do cisne são brancas, elas são tingidas de luz. Assim, a brancura denota a forma de simplicidade, mas as asas se remetem a sua soberania, ao deus do Olimpo. Desse modo, “*las alas expresarán, pues, en general una evolución hacia lo sublime, un impulso para transcender la condición humana. Constituyen el atributo más característico del ser divinizado y de su acceso a las regiones*

uránica” (CHEVALIER, 1986, p. 70). Com base nessa assertiva, as asas estão relacionadas com o cisne, o qual, nesse caso, é a figura de Zeus, um ser divino.

Em determinados momentos no poema podemos ver que o cisne toma, em partes, a forma feminina, como, por exemplo, na frase *el cisne es de plata bañado de sol*. Nessa frase o símbolo *prata* tem a função feminina, pois está relacionado à lua, e esta tem a forma feminina. Todavia, o cisne não perde a sua figura masculina, pois o símbolo sol, se não é, representa a própria divindade – ou então o filho dela, como é o caso de Zeus, filho de Crono, que era considerado o deus supremo antes de ser derrotado por seu filho na batalha. Então,

El simbolismo del sol es tan multivalente como rica es la realidad solar en contradicciones. Si no es el propio dios, el sol es para muchos pueblos una manifestación de la divinidad (epifanía uránica). Puede ser concebido como hijo del dios supremo y hermano del arco iris. (CHEVALIER, 1986, p.949)

Rubén Darío nos relata que, embora Zeus seja o senhor supremo do Olimpo, se mostra extremamente apaixonado por Leda, como podemos ver no verso *olímpico pájaro herido de amor*. Ao utilizar o termo *olímpico*, ele tenta apresentar uma pessoa forte e imponente, como o próprio Zeus o é. Além disso, ele está *ferido de amor*, por seu sentimento por Leda, uma paixão avassaladora, incontrolável. Por isso ele tenta conquistá-la, mesmo ela reagindo contra essa paixão. Segundo Brandão (1991), essa rejeição ocorre pelo fato de ela ser casada e não querer trair seu marido. Porém, a mesma não consegue resistir à tentativa do cisne e se deixa seduzir.

Outro ponto importante no poema *Leda* são os símbolos presentes na terceira estrofe, quando Zeus viola Leda, especificamente na frase *buscando su pico los lábios en flor*. A palavra *pico* remete a um símbolo fálico, ou seja, representa o órgão genital masculino. Já os símbolos *lábios en flor*, podemos relacioná-los a um símbolo feminino, pois estaria relacionado ao órgão genital feminino. Com isso, esses símbolos unidos referem-se a uma relação sexual entre Zeus e Leda, a qual é totalmente aprovada e abençoada pelo deus Pã.

Ao final vemos que o poema se encerra com o verso *chispean turbados los ojos de Pan*. Nesse momento, Darío nos diz que os olhos de Pã brilham fortemente, por presenciar um ato proibido entre um imortal e uma mortal, mas que aos seus olhos se torna possível. Segundo Chevalier (1986, p. 772), “*el ojo se revela de naturaleza solar y ígnea, fuente de luz, conocimiento y fecundidad*”. Assim, pode-se inferir que os olhos de Pã revelaram a natureza humana dos deuses, apresentando essa ligação como fonte de luz e conhecimento, que vem

mostrar novos caminhos a serem trilhados. Torna-se também um elemento de fecundidade porque, por meio desse relacionamento, novos seres, semideuses, vieram ao mundo.

E os olhos também podem manter a mesma função de um espelho, ou seja, o papel do espelho é refletir uma imagem e, no poema, os olhos de Pã estão vendo essa relação fervorosa, então esta imagem se apresenta da mesma forma.

2.3 As cores

Um ponto presente no poema *Leda* são as cores, as quais se apresentam de diversas formas: o branco do cisne, o azul do lago, o amarelo do âmbar, o vermelho do arrebol, a prata e, por fim, o verde.

A presença do branco nos remete à figura de Zeus metamorfoseado em cisne. Isso porque, nos dois momentos em que aparece, primeiro, ao ser comparado a neve, depois apresentado como *cândidas alas*, nos remete à suavidade, à delicadeza e à simplicidade com que Zeus aparece para conquistar sua amada.

Outra cor presente no poema é o amarelo, em contraponto ao branco da suavidade, apresentado no âmbar, resina super-resistente, que no poema se refere ao bico do cisne e à sedução. Assim, a figura de Zeus é representada de forma delicada como a neve e ao mesmo tempo forte como o âmbar. O amarelo se refere a algo “*Intenso, violento, agudo hasta la estridencia o bien amplio y cegador como una colada de metal en fusión, y amarillo es el más caliente, expansivo y ardiente de los colores*” (CHEVALIER, 1986, p. 87). Nesse caso, o branco representa a suavidade, a delicadeza, enquanto o amarelo está representando o intenso e ardente.

A partir disso, vemos um elo erótico, presente no texto, cujo amarelo se apresenta como algo intenso, violento e luxurioso e leva a uma excitação sexual, que, mesclada ao âmbar, relatado no poema, se mostra resistente e ao mesmo tempo excitante. Dessa forma, a contraposição – suavidade *versus* força – se direciona à figura de Zeus, divindade suprema (amarelo), que se mostra um cisne delicado (branco), mas sem perder sua força (âmbar). Nesse sentido,

El âmbar se atribuye a las esencias celestiales porque ‘reuniendo en él las formas del oro y la plata, simboliza a la vez la pureza incorruptible, inagotable, indefectible

e intangible, que pertenecen al oro, y el destello luminoso, brillante y celeste que pertenece a la plata. (PESO et al; CHEVALIER, 1986, p.90)

A cor azul está ligada ao vazio, àquilo que não apresenta sentido ou forma. Como nos diz Chevalier (1986), é a cor mais pura e, ao mesmo tempo, fria de todas as cores. Porém, ela pode representar vários significados distintos, como o do sonho:

El azul celeste es el camino del ensueño, y cuando se ensombrece – ésta es su tendencia natural – pasa a serlo del sueño. El pensamiento consciente deja poco a poco sitio a lo inconsciente, lo mismo que la luz del día pasa a ser insensiblemente luz de noche. (CHEVALIER, 1986, p. 81-82)

Nesse caso, o azul celeste está ligado aos sonhos, ou seja, o azul referente ao dia. Entretanto, ele escurece, se refere à noite e se relaciona ao sono. No poema podemos ver que a noite já vem chegando ao fim e o dia já vem raiando:

*Y luego en las ondas del lago azulado,
después que la aurora perdió su arrebol,*

Ou seja, quando se diz que a aurora perdeu sua cor, podemos então relacionar com o raiar do dia, quando o azul do céu deixa de ser escuro e passa a ser mais claro. Nesse ponto, faz-se uma relação com o que nos diz Chevalier (1986), ao afirmar que o momento deixa de estar ligado ao sono, ou seja, ao dormir, e começa a fazer parte do momento dos sonhos.

A cor vermelho está ligado ao fogo e ao sangue e, como nos diz Chevalier (1986), para muitos está ligado diretamente à vida. Porém existe dois tipos de vermelhos, um diurno e outro noturno:

hay dos rojos, el uno nocturno, hembra, que posee un poder de atracción centrípeta, y el otro diurno, macho, centrifugo, remolinante como un sol, que lanza su brillo sobre todas las cosas con una potencia inmensa e irresistible. (CHEVALIER, 1986, p. 888)

O vermelho noturno está relacionado ao fogo, à alma ou, até mesmo, ao desejo sexual. Já o vermelho diurno está ligado à luz solar:

Aparece entonces un nuevo colorado, asociado al blanco y al oro, y éste constituye el símbolo esencial de la fuerza vital. Encarna el ardor y la belleza, la fuerza impulsiva y generosa, el eros libre y triunfante. Encarna también las virtudes guerreras. (CHEVALIER, 1986, p.889)

Nesse ponto, podemos observar uma ligação com o poema, no qual há uma mescla do dia com a noite, quando se relata *después que la aurora perdió su arrebol*, e, ainda, uma variação de um desejo ardente da alma, podendo ser um desejo sexual e uma relação à força guerreira, ligada a Zeus. Ora, o cisne se encontra no lago, tentando conquistar Leda,

quando a aurora está perdendo sua cor para dar lugar à luz do dia, de um tom avermelhado, e nesse caso, os sonhos começam a tornar-se realidade.

A última cor presente no poema é o verde. Segundo Chevalier (1986), esta cor se caracteriza por ser tranquilizadora e refrescante. Não é classificada como quente ou fria, pois está ligada à água, como o vermelho ao fogo. Porém, tanto o verde quanto o vermelho estão ligados à vida, pois este está ligado ao homem e aquele à mulher, e com isso a vida tem início no vermelho e vai se solidificar no verde. O verde se apresenta no poema como uma força tranquilizadora, pois, como a relação amorosa entre Zeus e Leda é bastante fervorosa, se faz necessária uma barreira, pois até Pã, o deus do todo, está agitado com essa relação entre os dois.

*del fondo verduoso de fronda tupida
chispean turbados los oros de Pan.*

Mais um ponto que deve ser apresentado são os diferentes significados para as mesclas das cores, no poema. Iniciamos mostrando que, segundo Chevalier (1986), a presença do azul com o amarelo ou vermelho mostra uma rivalidade ou uma possível relação sexual entre céu e terra, ou entre divindades. E é o que vemos no poema, uma relação entre um deus do Olimpo e uma mortal, Zeus e Leda. Vemos ainda uma relação entre o azul e o branco:

El azul y el blanco, colores marianos, expresan el despego frente a los valores de este mundo y el vuelo del alma liberada hacia Dios, es decir hacia el oro que vendrá al encuentro del blanco virginal durante su ascensión en el azul celeste.
(CHEVALIER, 1986, p. 165)

Assim, a mescla entre o branco e o azul está relacionada ao despego entre as coisas deste mundo. É como uma libertação para que, assim, voltássemos a nosso estado de pureza. E, no poema, é como se esta relação estivesse ligada às amarras que os dois personagens possuem: Zeus, por ser o deus supremo do Olimpo, um imortal, e Leda, uma mortal, casada. Dessa forma, existe uma amarra entre ambos, o que não torna a união impossível para eles.

Outra relação entre as cores se faz presente entre o verde e o vermelho. O verde está ligado à água, e o vermelho ao fogo. Uma cor, portanto, se contrapõe à outra, o que se torna perceptível no poema, uma vez que o vermelho, relacionado à paixão e ao desejo sexual, aparece para esquentar a relação entre Zeus e Leda no início do poema. Enquanto isso, o verde surge ao final para tranquilizar esta relação, que agita até os olhos de Pã.

Assim, as cores se apresentam como peças relevantes para conferir significado ao poema, visto que cada uma representa uma força distinta em meio ao significado geral do poema. Acrescentamos também que as cores mantêm relações com as flores que renascem na primavera, logo após o inverno, o que nos remete, através do poema *Leda*, a outro poema de Darío, *Primaveral*, o qual será analisado no próximo capítulo.

3 A JUNÇÃO DOS SÍMBOLOS E DO MITO PARA A CONSTRUÇÃO DO POEMA *PRIMAVERAL*

O poema *Primaveral* tenta mostrar, de uma forma quase semelhante, dois pontos: o amor entre duas pessoas e o amor do poeta pelo que faz. Para isso, Darío utiliza de diferentes elementos para mostrar estes dois pontos, os quais, em diversos momentos complementares, e com isso podemos ver relações. Para essa construção, Rubén toma como inspiração a primavera, época em que o frio dá lugar ao nascimento das flores, das folhas, ou seja, da vida. O tema principal do poema é o amor, como podemos conferir:

Primaveral

*Mes de rosas. Van mis rimas
en ronda, a la vasta selva,
a recoger miel y aromas
en las flores entreabiertas.
Amada, ven. El gran bosque
es nuestro templo; allí ondea
y flota un santo perfume
de amor. El pájaro vuela
de un árbol a otro y saluda
tu frente rosada y bella
como un alba; y las encinas
robustas, altas, soberbias,
cuando tú pasas agitan
sus hojas verdes y trémulas,
y enarcan sus ramas como
para que pase una reina.
¡Oh amada mía! Es el dulce
tiempo de la primavera.*

*Mira en tus ojos los míos;
da al viento la cabellera
y que bañe el sol ese oro
de luz salvaje y espléndida.*

*Dame que aprieten mis manos
las tuyas de rosa y seda,
y ríe, y muestren tus labios
su púrpura húmeda y fresca.*

*Yo voy a decirte rimas,
tú vas a escuchar risueña;
si acaso algún ruiseñor
viniese a posarse cerca
y a contar alguna historia
de ninfas, rosas o estrellas,
tú no oirás notas ni trinos,
sino enamorada y regia,
escucharás mis canciones
fija en mis labios que tiemblan.
¡Oh amada mía! Es el dulce
tiempo de la primavera.*

*Allá hay una clara fuente
que brota de una caverna,
donde se bañan desnudas
las blancas ninfas que juegan.*

*Ríen al son de la espuma,
hienden la linfa serena;
entre el polvo cristalino
esponjan sus cabelleras
y saben himnos de amores*

*en hermosa lengua griega,
que en glorioso tiempo antiguo
Pan inventó en las florestas.
Amada, pondré en mis rimas
la palabra más soberbia
de las frases de los versos,
de los himnos de esa lengua;
y te diré esa palabra
empapada en miel hiblea...
¡Oh amada mía! Es el dulce
tiempo de la primavera.*

*Van en sus grupos vibrantes
revolando las abejas
como un áureo torbellino
que la luz alegre;
y sobre el agua sonora
pasan radiantes, ligeras,
con sus alas cristalinas
las irisadas libélulas.
Oye: Canta la cigarra
porque ama al sol, que en la selva
su polvo de oro tamiza,
entre las hojas espesas.
Su aliento nos da en un soplo
fecundo la madre tierra,
con el alma de los cálices
y el aroma de las hierbas.*

*¿Ves aquel nido? Hay un ave.
Son dos: el macho y la hembra.*

*Ella tiene el buche blanco,
él tiene las plumas negras.
En la garganta el gorjeo,
las alas blancas y trémulas;
y los picos que se chocan
como labios que se besan.
El nido es cántico. El ave
Incuba el trino, ¡oh poetas!;
de la lira universal,
el ave pulsa una cuerda.
Bendito el calor sagrado
que hizo reventar las yemas.
¡Oh amada mía! Es el dulce
tiempo de la primavera.*

*Mi dulce musa Delicia
me trajo una ánfora griega
cincelada de alabastro,
de vino de Naxos llena;
y una hermosa copa de oro,
la base henchida de perlas,
para que bebiese el vino
que es propicio a los poetas.
En el ánfora está Diana,
real, orgullosa y esbelta,
con su desnudez divina
y en su actitud cinegética.
Y en la copa luminosa
está Venus Citerea
tendida cerca de Adonis
que sus caricias desdeña.*

*No quiero el vino de Naxos
ni el ánfora de anas bellas,
ni la copa donde Cipria
al gallardo Adonis ruega.
Quiero beber del amor
sólo en tu boca bermeja.
¡Oh amada mía! Es el dulce
tiempo de la primavera.*

No início do poema – mais precisamente em seu título –, podemos visualizar uma exposição da primavera, como se esta estivesse marcada pelas várias facetas que podem surgir. A primavera é uma estação das muitas cores, dos animais, entre outros. E o próprio título vem para apresentar isso. É como se o amor, tema central do poema, se mostrasse em uma grande extensão, com várias formas e sentidos distintos.

Inicialmente, tomando como foco o amor do poeta, podemos já observar nos primeiros versos a busca pela inspiração:

*Mes de rosas. Van mis rimas
en ronda, a la vasta selva,
a recoger miel y aromas
en las flores entreabiertas.*

Vemos que as rimas do poeta se vão à busca de novas inspirações, de coisas novas. Quando ele diz que a natureza é seu templo de amor, *El gran bosque es nuestro templo/ allí ondea y flota un santo perfume de amor*, demonstra que lá estão os seus amores. Ou seja, o templo assume o papel de lugar sagrado para o amor e, assim, podemos analisar, a partir deste ponto, que se trata de uma relação que não é proibida. Como podemos ver, segundo Chevalier (1986), o templo é aquele que vai manter uma relação com o mundo espiritual. Desse modo, o templo, juntamente com a natureza, vem para fazer uma relação entre a *natureza/físico* e o *sagrado/profano*. A partir disso podemos ver alguns símbolos que representam esta relação, como o *Bosque*. Este. “*entre los Antiguos, griegos y latinos, como para otros pueblos, los bosques estaban consagrados a las divinidades: simbolizaban la morada misteriosa de Dios*” (CHEVALIER, 1986, p. 195). Ou seja, há uma relação àquele

lugar tido como sagrado, pois é a morada de Deus, e, no poema, o *grande bosque* seria um grande santuário. Outro símbolo presente neste trecho é o *perfume*. Este símbolo, segundo Chevalier (1986, p. 813), representa a presença espiritual ou, até mesmo, a natureza da alma. Por fim, podemos ver o *amor*, que vem para representar a união dos opostos.

Com base nesses símbolos, podemos ver que o *grande bosque* é aquele lugar sagrado, que, ao mesmo tempo em que é a representação do mundo divino, é também o lugar onde o amor vem para proporcionar a relação amorosa dos opostos. Estes opostos são tanto o poeta como os apaixonados, e, em determinados momentos, essa relação se apresenta ora como algo sagrado, ora profano.

Partindo deste mesmo trecho, podemos ver outro ponto apresentado por Darío: o amor de dois apaixonados. Com isso, de início, vamos analisar os primeiros versos do poema, os quais, em suas primeiras palavras, já nos mostram um símbolo bastante relativo, a *rosa*.

A *rosa* simbolizará o amor, pois, como nos diz Chevalier (1986, p. 893), “*La rosa se ha convertido en un símbolo del amor y más aún del don del amor, del amor puro*”. Contudo, a *rosa* representa também, além do amor, a regeneração. Nesse caso, relacionando estes dois significados, podemos dizer que o amor é aquele que vai se reciclar, ou ressurgir. Como podemos ver, o apaixonado vai à busca de sua amada e, para isso, Darío se utiliza de alguns elementos, como é o caso do *mel*. Segundo Chavalier (1986, p. 710), “*La miel es el símbolo de la dulzura y se opone a la amargura de la hiel. Asociada a la leche, designa la tierra feliz y fecunda, la tierra prometida. Esta dulzura puede ser también artificial y peligrosamente seductora*”. Podemos ver que o *mel*, além de estar relacionado com a doçura e a fecundidade, representa também a sedução, e esses pontos estão ligados pelo fato de que a doçura se relaciona com a sedução, a qual se relaciona com a fecundidade.

Em seguida, Darío nos mostra que as árvores altas e rígidas se balançam como se se inclinassem para a passagem de uma rainha, em que as árvores seriam os poetas, que se curvam aos pés da inspiração (ou a falta dela), para sua passagem. Ao final da primeira estrofe podemos ver os versos que Darío irá repetir em outros momentos no poema: *¡Oh amada mía! / Es el dulce templo de la primavera*. Nesse caso, sua *amada* se refere ao templo do nascimento, ou até mesmo do renascimento, pois é ao que a primavera se propõe: o frio sai para dar lugar às flores, ou seja, para dar lugar ao colorido.

Em outro ponto podemos ver, ainda, a busca da inspiração pelo poeta, quando nos diz:

*Allá hay una clara fuente
que brota de una caverna,
donde se bañan desnudas
las blancas ninfas juegan.*

Então, existe uma fonte clara, que surge de uma caverna onde as brancas ninfas se banham, ou seja, neste trecho podemos observar a busca da inspiração pelo poeta. A inspiração, pois, é aquela que surge em distintos momentos e lugares. Darío faz uma relação dela com as ninfas, e estas, segundo Brandão (1991, p.172), significam,

de um lado, *moça, jovem em idade de se casar, jovem casada*, de outro, *divindade menor*, que tem por *habitat* particularmente o campo, junto às fontes. Com o nome genérico de *ninfas* são chamadas as divindades femininas secundárias da mitologia, vale dizer, divindades que não habitam o Olimpo. Essencialmente ligadas à *terra* e à *água*, simbolizam a própria força geradora daquela.

As ninfas – consideradas divindades menores – representam Geia, a Mãe-terra, e dessa junção entre *água* e *terra* surge uma força geradora que leva à fecundidade e à reprodução. Conforme Chevalier (1986, p. 263), “*La caverna y sus espectáculos de sombras o marionetas, representa este mundo de apariencias agitadas, donde el alma debe salir para contemplar el verdadero mundo de las realidades, el de las ideas*”. Ou seja, há uma tentativa em mostrar que um poeta deve sair de um mundo de aparências, para que, assim, suas criações fluam livremente. E a *fonte* vem para complementar esse pensamento, representando a sabedoria, a imaginação. Com isso, podemos dizer que a alma do poeta deve sair desse mundo, onde as aparências tomam lugar, para surgir na fonte da sabedoria. Deste modo, assim estes símbolos se relacionam: a *caverna*, a *fonte* e as *ninfas*.

Todavia, ao mesmo tempo, a partir dessa relação, nos é apresentado o símbolo mítico *Pã*, como um criador:

*y saben himnos de amores
en hermosa lengua griega,
que en glorioso templo antiguo
Pan inventó en las florestas
Amada, pondré en mis rimas
la palabra más soberbia
de las frases de los versos,
de los himnos de esa lengua;
y te diré esa palabra
empapada en miel hiblea...*

Podemos definir o deus Pã como aquele que dá sentido às novas inspirações, pois, como este é considerado o *deus do todo*, nada é impossível a seus olhos. Nesse caso, as ninfas, como a força geradora da inspiração, possuem o domínio de cânticos de amores em língua grega e esses cânticos são aqueles que dariam aos poetas as mais possíveis inspirações que pudessem existir. Ou seja, Pã vem mostrar que a poesia representa o lugar de todas as possibilidades, e, assim, essa *fonte* representa uma nascente inesgotável de novas inspirações.

Além disso, esse mesmo trecho nos mostra a relação dos apaixonados. O apaixonado busca, nessas canções feitas pelo deus Pã, as melhores palavras para dizer a sua amada, umedecidas com o doce mel, do qual “*esta dulzura puede ser también artificial y peligrosamente seductora*” (CHEVALIER, 1986, p. 710). Esse *mel* mantém, como observamos, uma relação com o vinho, o qual é propício aos poetas. Assim, o vinho está relacionado com a embriaguez, que, nesse caso,

por estar ligada a la fecundidad, a las cosechas, depende de los fenómenos lunares; la luna gobierna en efecto, en el simbólica tradicional, el ciclo de la vegetación, del embarazo y del crecimiento. Por esta razón los dioses de la fecundidad son, la mayoría de veces, divinidades lunares. (CHEVALIER, 1986, p. 441)

A embriaguez está relacionada à fecundidade e também à lua. Portanto, podemos dizer que esta relação irá direcionar ao deus Dionísio, o qual representa a ruptura de alguns sentidos humanos, como as inibições, as repressões e as vergonhas. Ou seja, é o deus das diferentes formas, o criador das ilusões. Dionísio

Simboliza las fuerzas oscuras que surgen de lo inconsciente; es el dios que preside los desenfrenos que produce la embriaguez, la que se adueña de los bebedores, la que apresa a las gentes arrebatadas por la música y la danza, lo que es propicio de la locura, que el inspira a quienes no la han honrado como conviene. (CHEVALIER, 1986, p. 421)

Na estrofe que se sucede, podemos ver que existe, ainda, uma relação no poema com a loucura, proveniente do deus Dionísio:

*Van en sus grupos vibrantes
revolando la abejas
como un aéreo torbellino
que la luz alegre:
y sobre el agua sonora
pasan radiantes, ligeras,
con sus alas cristalinas
las irisadas libélulas.
Oye: Canta la cigarra
porque ama el sol, que en la selva
su polvo de oro tamiza,
entre las hojas espesas.
Su aliento nos da en un soplo*

*fecundo la madre tierra,
con el alma de los cálices
y el aroma de las hierbas.*

Essa loucura pode ser vislumbrada a partir dos símbolos que remetem à agitação. Ou seja, *revolando, torbellino, irisadas, selva*. Estes símbolos significam a agitação e, como já fora mostrada a relação do deus Dionísio na estrofe anterior, essa mesma relação ocorre nesta. Contudo, não identificamos somente a relação do deus nestes símbolos. Podemos ver também que tanto as palavras *fecundo* e *cálices* simbolizam esta relação.

A inspiração do poeta é tomada em diferentes momentos, com diversos elementos e cenários. Nesse contexto, a natureza é o ponto central de todo esse enlace, entre inspiração e poeta. Podemos ver, ainda, na quinta estrofe, outro momento relacionado ao que já foi dito anteriormente:

*¿Ves aquel nido? Hay un ave.
Son dos: el macho y la hembra.
Ella tiene el buche blanco,
él tiene las plumas negras.
En la garganta el gorjeo,
las alas blancas y tremulas;
y los picos que se chocan
como labios que se besan.*

Como podemos observar, as duas aves podem se referir ao poeta (macho) e à criação (fêmea): a fêmea é branca, relacionada à pureza, à suavidade, e o macho é preto, o que podemos relacionar ao lado vazio. E seus bicos se chocam, mantendo assim um contato entre elas, fazendo com que brotassem desse choque novas obras, como podemos ver nos versos na mesma estrofe: *bendito el calor sagrado/ que hizo reventar las yemas*. Neles, podemos analisar a palavra *yemas* como relacionada ao sentido de *dar frutos*.

Este mesmo ponto remete à relação de dois apaixonados. Nesse sentido, os pássaros podem representar duas pessoas: um homem (o macho) e uma mulher (a fêmea). Então, quando se fala dos bicos que se beijam, podemos dizer que existe, neste caso, uma relação sexual. Pois, apresentados dois símbolos, o *bico* e os *lábios*, pode-se fazer uma alusão aos órgãos sexuais masculino e feminino. Desse modo, Darío tenta nos mostrar que o ato da criação poética também está relacionado com o lado erótico-amoroso.

Na última estrofe do poema, Darío utiliza a expressão *para que bebiese el vino/ que es propicio a los poetas*. Nesse caso, podemos fazer uma ligação com Dionísio, posto que o vinho esteja ligado a ele, que criou o vinho como um artifício para que as pessoas pudessem

sair se si, ou seja, não estivessem em seu estado consciente e realizassem coisas das quais não poderiam fazer quando estivessem conscientes. Dessa forma, o vinho se refere a um modo do poeta sair de seu estado consciente para buscar sair das amarras que a sociedade colocou. A partir disso, podemos notar uma relação com a época na qual Darío estava inserido, quando os artistas estavam se desligando das proibições que a sociedade ditava para dar lugar a coisas, ideias e, até mesmo, novas inspirações.

O poema se encerra mostrando que o poeta não quer nada disso, nem o vinho, nem nada, somente o que deseja é poder se desfrutar do amor.

*Quiero beber del amor
sólo en tu boca bermeja.
¡Oh amada mía! Es el dulce
tiempo de la primavera.*

Com base nisso, Darío se utiliza de diversos elementos para desenvolver o ponto relacionado ao amor do poeta pelo que faz. Mediante esses pontos, o poeta desenvolve outra ideia: a do amor de dois apaixonados.

Em *Primaveral*, podemos ver que o *amor* mantém uma relação com a morte, a qual se torna uma das características desse sentimento. Porém, a morte pode nos mostrar duas ideias: uma seria a morte física e a outra seria a morte em que o indivíduo deixa de se envolver com coisas do seu meio e passa a morrer de amor por alguém ou por algo:

*Yo voy a decirte rimas
tú vas escuchar risueña;
si acaso algún ruiseñor
viniese a posarse cerca
y a contar alguna historia
de ninfas, rosas o estrellas,
tú no oirás ni trinos,
sino enamorada y regia,
escucharás mis canciones
fija en mis labios que tiemblan.*

Nesse caso, aquele que está morrendo de amor mostra que, mesmo que um *ruiseñor* contasse histórias, a amada não escutaria, pois estaria encantada apenas com suas canções de amor. O *ruiseñor*, pois, simboliza esta relação entre amor e morte: “*este pájaro que todos los poetas consideran chanfre del amor, muestra de manera conmovedora, en todos los sentimientos que suscita, el lazo íntimo entre el amor y la muerte*” (CHEVALIER, 1986, p. 900).

Ao final do poema, podemos ver que sua *musa* – neste caso, o amor – lhe traz uma taça com vários elementos preciosos, para dar uma maior ênfase à relação:

*Mi dulce musa Delicia
me trajo una ánfora griega
cincelada de alabastro,
de vino de Naxos llena:
y una hermosa copa de oro,
la base henchida de perlas,
para que bebiese el vino
que es propicio a los poetas.*

À vista disso, o vinho mantém uma relação com o deus Dionísio, pois este se associa ao conhecimento, que por si está relacionado à embriaguez que o vinho provoca. Com isso, a embriaguez leva o indivíduo a um estado inconsciente, e este, muitas vezes, está preso às amarras impostas pelo meio em que ele vive. Por isso, ao estar embriagado, este indivíduo esquece, ou finge que esqueceu, para se deixar levar pelos desejos.

Podemos analisar também outros símbolos presentes neste trecho, como a taça, as pérolas e o vinho, os quais mantêm uma relação entre si. A taça representa aquele recipiente em que está guardado o bálsamo da imortalidade, segundo Chevalier (1986). As pérolas representam a figura feminina do nascimento e também representam o amor e o matrimônio. Já o vinho é aquele que causa a embriaguez. Relacionando todos estes símbolos, podemos apresentar que sua musa – a inspiração ou a paixão pelo/a amado/a – lhe dá uma taça cheia da força geradora que propiciará a estes – poeta e apaixonado – novos sentimentos ou, até mesmo, novas inspirações eternas.

Darío utiliza, também, diversos elementos, os quais, no decorrer do poema, vão dando sentido ao que ele tenta mostrar. A maioria desses elementos, se não todos eles, são elementos naturais presentes na natureza.

Destacam-se, igualmente, no poema diversos símbolos ligados aos sentidos da audição, visão, tato e paladar, posto que estes elementos estejam ligados à natureza. Visualizamos símbolos ligados à audição em diversos momentos, tais como: *Yo voy a decirte rimas; tu no oirás notas ni trinos; escucharás mis canciones; Rien al son de la espuma; Canta la cigarra; En la garganta el gorjeo e el nido es cântico*. Como podemos ver, em cada verso há uma palavra ligada a esse sentido.

Já no caso do tato, temos os versos: *aprieten mis manos; viniése a posarse cerca e como labios que se besan*. Com relação ao paladar podemos observar: *a recoger miel y*

aromas; Es el Dulce tiempo de la primavera; y el aroma de las hierbas; Mi Dulce musa Delicia; para que bebiese el vino e Quiero beber Del amor. Ligado a esse ponto, podemos ver algo que é bastante relativo no poema, a questão da visão. Em todo o poema observamos elementos que nos levam a imaginar a cena descrita, tais como: *en las flores entreabiertas; el pájaro vuela; Ella tiene el Buche Blanco; él tiene las plumas negras*, entre outros. Desse modo, cada elemento apresentado no poema nos leva a imaginar como a cena se desenrola, as cores, as formas e as paisagens.

Na primeira estrofe, visualizamos um símbolo que apresenta uma ligação com o amor do poeta, o *pássaro*, o qual se apresenta como uma figura instável, conforme atesta Chevalier (1986, p. 155):

La ligereza del pájaro entraña sin embargo, como pasa a menudo, un aspecto negativo: san Juan de la Cruz lo ve como el símbolo de las operaciones de la imaginación, ligero, pero sobre todo inestable volando de aquí para allá, sin método y sin consecuencia.

Diante disso, podemos observar, no poema, que a imaginação do poeta se encontrava desorientada, sem rumo, porém, ao se encontrar com sua amada – a inspiração –, esta se torna mais firme:

*El pájaro vuela
de un árbol a otro y saluda
tu frente rosada y bella
como un alba.*

Outro símbolo observado na análise é o *tempo*, o qual, segundo Chevalier (1986), simboliza o finito e o infinito. O tempo mantém uma ligação entre o humano e o divino, ou seja, o humano é o tempo finito e o divino é o tempo infinito. Nesse caso, não existe uma definição possível para o tempo e, no poema, observamos que ele pode ser observado em diversos pontos, como neste verso: *¡Oh amada mía! Es el dulce templo de la primavera.* Assim sendo, esta estação do ano é aquela em que não se pode confirmar sua estabilidade, pois é sempre uma época inovadora, quando as flores, as árvores e os animais não se apresentaram da mesma forma. E no poema podemos analisar sua amada – a inspiração –, que ao mesmo tempo em que surge de forma clara, também pode se apresentar de forma incerta.

Porém, ao final desta estrofe podemos ver alguns mitos presentes, em que cada mantém uma relação dentro do texto:

*En la ánfora está Diana,
real, orgullosa y esbelta,
con su desnudez divina*

*y en su actitud cinegética.
Y en la copa luminosa
está Venus Citera
tendida cerca de Adonis
que sus caricias desdeña.
No quiero el vino de Naxos
ni la ánfora de anas bellas,
ni la copa donde Cipria
al gallardo Adonis ruega.*

3.1 A relação dos mitos em meio ao poema

É no decorrer do poema que podemos ver diferentes símbolos míticos, tais como Pã, Diana, Adônis, Afrodite e, também, as ninfas. Desse modo, vamos apresentar cada um, fazendo relação com o poema.

Inicialmente, podemos visualizar a presença das *ninfas*, as quais, segundo Brandão (1991), representam a ligação entre a *terra* e as *águas*, bem como Geia, a Mãe-terra. Com isso, são divindades ligadas ao nascimento e, desse modo, estão relacionadas à eterna juventude:

as ninfas não são imortais, vivem tanto quanto uma palmeira, ou seja, “cerca de dez mil anos” e jamais envelhecem! Decodificando, teremos a própria natureza que não é imortal, uma vez que morre e renasce, num quanto resurgir, portanto uma força canalizada para uma eterna juventude. (BRANDÃO, 1991, p. 173)

A partir deste fragmento, podemos interpretar que as *ninfas*, no poema, estão ligadas ao amor. O amor tanto se refere ao amor do poeta pelo que faz, quanto ao amor de dois apaixonados. O amor aqui ganha um papel de renascimento, do novo. Assim como a natureza, o amor nasce e se desenvolve, depois morre para que renasça e faça todo o processo novamente. Em vista disso, podemos inferir que o amor, no poema, é aquele que renasce e vai dar significado às coisas, ou seja, ao poeta e aos apaixonados.

Outro mito presente no poema é o da deusa Afrodite, que neste caso também podemos relacionar com o amor, ou seja, a beleza do amor. Afrodite era a deusa do amor, além do que era muito bonita. Sua pele era branca, seus olhos eram mais profundos que o mar, seus cabelos eram loiros e ela espalhava um perfume de rosas por onde passava. Os gregos diziam que ela tinha nascido da espuma das ondas do mar, mas existe a hipótese de que seu nascimento estava relacionado com a castração de urano, quando seu esperma teria caído no mar. Daí teria surgido Afrodite, da junção entre o céu e o mar.

A lenda dessa deusa diz que ela, ao nascer, foi soprada pelo vento em uma concha até a terra, e, por onde ela passava, flores iam nascendo. Então, Afrodite foi entregue às *Horas*, as divindades das estações, para que a educassem. A partir disso, podemos notar uma relação do mito com o poema, pois Afrodite era a deusa do amor e foi entregue às divindades das estações, enquanto o poema está totalmente ligado a estes pontos: o amor é o ponto central de todo o poema e a Primavera é uma das estações do ano e também o ponto forte do poema.

Ademais, o poema faz uma relação do mito de Afrodite, a paixão que a mesma nutria por Adônis.

*Y en la copa luminosa
está Venus Citerea
tendida cerca de Adonis
que sus caricias desdeña.*

A deusa era apaixonada pela juventude e pela beleza e estas qualidades eram difíceis de serem encontradas no Olimpo. Depois de ter sua aventura amorosa com Ares, e ter sido descoberta pelo marido, ela viveu um período de tranquilidade, quando aproveitava para fazer suas caçadas. Em um de seus passeios, Afrodite viu um rapaz jovem, que perseguia animais. Nesse momento, Afrodite ficou em estado de êxtase, pois esse era seu sonho de juventude e beleza. Eles tinham algo em comum, ela era caçadora ocasional, ele, caçador por gosto, e esse mesmo prazer os atraiu, bem como a simpatia oriunda desse encontro. Desde então, eles não se separaram mais. Porém, Ares não aprovou esta união e, usando do seu poder, fez com que Adônis começasse a gostar de caçar animais perigosos, principalmente javalis. Em um dia, Ares tomou a forma de um javali e atacou Adônis, perfurando sua coxa, fazendo-o sangrar e cair no chão. Afrodite não pôde fazer nada para ajudar seu amado. A única coisa que pôde foi fazer brotar do sangue de Adônis a mais bela flor, a efêmera anêmona:

Habiendo llegado junto al cadáver de su amado, víctima de los colmillos de un jabalí furioso, “vierte sobre la sangre del joven un néctar embalsamado; a este contacto, barboteo como los burbujas transparentes que, desde el fondo de un cenagal, suben a la superficie de las aguas amarillentas; no transcurre más de una hora cuando de esa sangre nace una flor del mismo color, parecida a la del granado, que esconde sus semillas bajo una corteza flexible; pero no se puede gozar de ella largo tiempo; pues, mas fijada y demasiado ligera, cae arrancada por aquel que le da su nombre, el viento. (CHEVALIER, 1986, p.97-98)

Nesse ponto, podemos fazer uma análise mostrando como o amor está ligado à relação morte e vida. Isso porque o poema se inicia com a rosa, ou seja, um símbolo ligado ao renascimento, e se encerra com um direcionamento para a relação entre Afrodite e Adônis, ou seja, a morte. Assim, vemos que o amor é apresentado como aquele que nasce, morre e depois surge novamente, para que possa seguir todo o ciclo novamente.

Também podemos destacar no poema, o fato de que, segundo Brandão (1991), Adônis nasceu de Mirra, que manteve um relacionamento com seu pai. Quando este a perseguiu, certa noite, Mirra se entregou aos deuses e eles a transformaram em uma árvore. Desse momento Adônis teria nascido. Depois disso, a criança foi entregue aos cuidados de Afrodite, que a confiou aos cuidados de Perséfone, às escondidas. Mas a deusa, encantada com a beleza da criança, se negou a entregá-la a Afrodite. Então, se iniciou uma luta entre elas. Porém, Zeus estipulou que Adônis passaria um terço do ano com Perséfone e outro terço com Afrodite. Os outros quatro meses ficariam a sua escolha. Adônis, então, passava por volta de oito meses com a deusa do amor, que, por causa de ciúmes, causou a morte do jovem. Por isso, Zeus fez com que Adônis resurgisse quatro meses por ano, em forma de flor, ao lado de sua amada. Mas, passando os quatro meses, a flor viria a morrer. A flor, portanto, que aparece no primeiro verso, marca o início da primavera e, ao final, revela a figura dos dois apaixonados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois poemas de Rubén Darío, *Leda* e *Primaveral*, apresentam diversos pontos semelhantes, tais como a utilização dos símbolos e dos mitos para a construção do poema, a forma como Darío apresenta os cenários de cada poema e, também, a semelhança entre os temas de cada poema, ou seja, o amor. Esses pontos se fazem bastantes relevantes no desenvolvimento de cada texto.

Inicialmente, podemos ver uma semelhança entre os poemas, analisando que ambos possuem o mesmo tema, ou seja, *o amor*. Contudo, em cada poema esse tema é desenvolvido de uma forma distinta. No poema *Leda*, o amor é tratado a partir do ponto em que Zeus decide se metamorfosear em um cisne branco para conquistar sua amada, Leda. E esse amor é aquele que vai se formando ao longo do poema, pois todos os elementos do poema vão levando para esta construção. Já no poema *Primaveral*, podemos caracterizar duas formas como o amor é tratado: o amor é visto a partir do amor do poeta pelo que faz e, também, o amor de dois apaixonados. Esses subtemas vão sendo construídos a partir dos elementos presentes na natureza, e estes já vão se apresentando no início do poema. Ao longo do poema também podemos ver que esta construção do amor vai tomando forma. Em muitos casos os elementos são apresentados para caracterizar os dois pontos que o poema *Primaveral* desenvolve.

A partir disso, outro ponto que se apresenta nos dois textos é a forma como os mitos se apresentam para dar maior significado aos poemas. Como podemos ver no poema *Leda*, a figura de Zeus não se faz presente em sua totalidade, porém, a figura do cisne faz esse papel. É a partir deste símbolo do cisne que se desenvolve o poema, no entanto, vemos também que tanto a figura de Leda, como a de Pã, também se fazem importantes para a construção do enlace amoroso. Todo o texto é apresentado tendo como base estes símbolos, iniciando com a figura do cisne – Zeus. No decorrer do poema podemos ver a caracterização de Leda e, por fim, vemos que o enlace amoroso entre Zeus e Leda é abençoado pelo deus Pã, o deus do impossível.

Já no segundo poema, *Primaveral*, os mitos também são utilizados para lhe dar ênfase. Os mitos se apresentam como complementações do tema do poema, o qual se divide

em dois pontos, como já foi apresentado. Para isso, podemos ver que alguns dos mitos que são utilizados como suporte são as ninfas, que se apresentam como divindades ligadas ao nascimento. Com isso, podemos dizer que elas representam o nascimento das coisas novas tanto para um ponto como para o outro no poema. Acerca do amor do poeta, podemos relacioná-las com o nascimento das novas inspirações e sobre o amor de dois apaixonados, podemos relacioná-las com o nascimento de novos sentimentos, de novas paixões.

Como foi mencionado, um mito presente nos dois poemas é o mito do deus Pã, o qual, denominado o deus do impossível, será aquele que vem para simbolizar que, em meio ao ato da criação e da relação amorosa, todas as relações são possíveis. Nos dois poemas este símbolo mítico irá se apresentar da mesma forma, ou seja, com o mesmo intuito. E com base nas suas atitudes ligadas ao inconsciente, podemos deduzir, a partir daí, que o deus fosse indicado como o *deus do todo*, pois esse todo estaria ligado ao inconsciente, no qual estão os desejos mais impossíveis de cada indivíduo.

A presença do símbolo mítico da deusa Afrodite, deusa do amor e da beleza no poema *Primaveral* nos sinalizam a respeito dos prazeres do amor. Pode-se dizer que esta figura está relacionada ao amor, ou melhor, ao desejos mais fortes desse sentimento. E, nesse caso, Afrodite vem para reforçar a ideia de que, no poema, o principal foco é o amor, mais aproximado, porém, a um forte desejo físico, ou seja, sexual. Portanto, percebe-se uma das principais características que Darío utiliza em seus textos, o erotismo, também uma das características da deusa.

Darío se utiliza de símbolos para dar maior significado aos poemas. No poema *Leda*, por exemplo, podemos ver que o símbolo que se apresenta como personagem principal é o cisne, o qual se apresenta caracteristicamente como uma figura masculina, mostrando toda a sua virilidade para conquistar Leda. Contudo, ao mesmo tempo se mostra suave e delicado, como uma estratégia para conquistar sua amada. Zeus também é símbolo da fecundidade, então utiliza a figura do cisne com uma estratégia, para não se mostrar em sua totalidade. No decorrer de todo o poema, podemos ver outros símbolos, tais como o âmbar, a prata, o sol e os olhos, e cada símbolo se apresenta como uma peça fundamental no poema, pois dará maior significado ao tema central do poema.

Com o poema *Primaveral* não é diferente, pois o mesmo apresenta diversos símbolos, como, no início do poema, a *rosa*, que simboliza o dom do amor e a regeneração.

Mas, existem outros símbolos que se relacionam com os pontos apresentados pelo autor, relacionados à estação de que o poema trata, ou seja, a primavera. Estes, da mesma forma que no primeiro poema, também vão dar um melhor significado ao poema em sua totalidade.

Um ponto desenvolvido por Darío na grande parte de seus poemas é a caracterização erótica. Podemos ver que, tanto no poema *Leda* como no poema *Primaveral*, nos é apresentada uma relação erótica. Como exemplo, podemos dizer que os dois poemas apresentam dois símbolos semelhantes, *lábios* e *bicos*, os quais podemos relacionar com os órgãos sexuais feminino (lábios) e masculino (bicos). Desse modo, nos referimos a uma relação sexual presente nos dois textos, pois os símbolos nos levam a esta conclusão.

Entretanto, não podemos deixar de lado a caracterização dos cenários que Rubén faz. Para isso, ele utiliza diversos elementos que vão dando uma forma harmoniosa aos poemas. No poema *Leda*, podemos ver que a caracterização do cenário ocorre em paralelo com a caracterização dos personagens, ou seja, conforme cada personagem vai tomando sua forma, em meio ao poema, o cenário também vai se desenvolvendo. Assim podemos ver nas três primeiras estrofes, quando a caracterização do cenário ocorre em meio à caracterização do *cisne*, ou seja, de Zeus. Assim, os símbolos presentes nestas estrofes vão ajudando nesta caracterização.

Já no poema *Primaveral*, podemos ver que esta caracterização ocorre através de elementos presentes da natureza. Darío utiliza esta beleza da natureza como uma forma de deixar o poema mais belo e, ao mesmo tempo, harmonioso, pois os elementos naturais se relacionam aos mitos e aos símbolos presentes no poema, como, por exemplo, as flores, as árvores, os pássaros, entre outros. E estes elementos naturais vão dando maior destaque nesta relação entre mitos e símbolos.

A partir do exposto, podemos concluir que Rubén Darío utiliza, nestes poemas, diversos traços para a época não permitidos. Mas, ao utilizar estes elementos, muitas vezes em forma de *símbolos* e *mitos*, ele dava uma forma nova de escrever sem se deixar levar pelas imposições que a sociedade a sua volta lhe dava. E foi através dessa relação que resolvemos desenvolver este trabalho, pois não podemos somente ver aquilo que está em frente aos nossos olhos, mas também o que, muitas vezes, aquilo realmente nos quer mostrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*/ Junito de Souza Brandão, - Petropolis, RJ: vozes, 1991.

_____, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis; Ed. vozes. 1986. Disponível em: http://grego-12e.wikispaces.com/file/view/Mitologia+_grega.pdf. Acesso dia 22/01/14

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Thomas Bulfinch; tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona; Editorial Herder. 1986.

DARÍO, Rubén. *Antología de la poesia sexual*/ Rubén Darío...(ET AL). – 1ª ed – Buenos Aires: CS. 2006.

_____. *Leda*. Disponível em: <http://www.poemas-del-alma.com/leda.htm>. Acesso em: 14 set. 2013

_____. *Primaveral*. Disponível em http://www.damisela.com/literatura/pais/nicaragua/autores/dario/azul/primaveral_p3.htm. Acesso em: 14 set. 2013.

GANDON, Odile. *Deus e Heróis da mitologia grega e latina*/ Odile Gandon: tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUARINELLO, Luis Norberto. *O amor e seus perigos: Nós e os mitos*. [organizadora Ana Cláudia Ferrari; tradução David Jardim Junior], - São Paulo: Duetto Editorial, 2011.

GENEST, Émile. FIRON, José. DESMURGES, Marguete. *As mais belas lendas da mitologia*. Tradução Monica Stahel. São Paulo, 2000.

JOSEF, Bella. *Historia da literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 2005.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário*./ Ruth Rocha; [ilustrações Maria Luiza Ferguson], - São Paulo: Scipione, 1996.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Mitos gregos*. São Paulo; Ed. Objetiva. 1998. Disponível em: http://grego-12e.wikispaces.com/file/view/mitos_gregos.pdf. Acesso dia 22/01/14.